

FOTO *Boletim* **CINE**

ANO IX

N.º 97

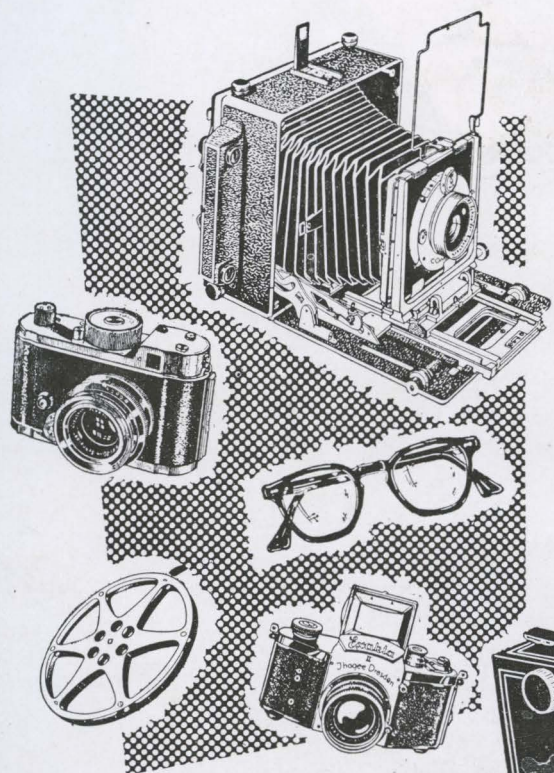
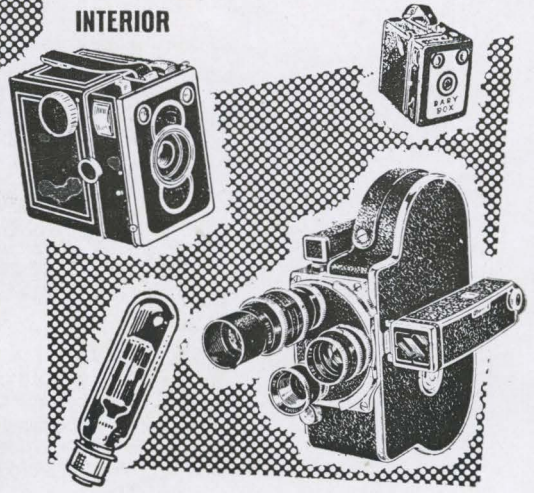
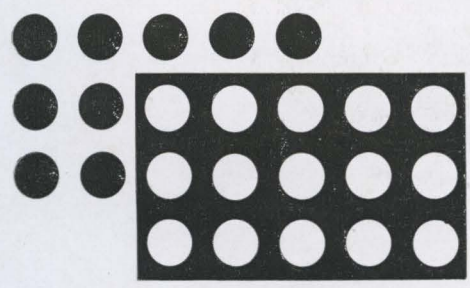


Foto cine ótica



VAREJO - ATACADO E PROFISSIONAIS -
INTERIOR

FOTOPTICA



R. CONS. CRISPINIANO, 49 - R. SÃO BENTO, 359





O FILME
do Fotógrafo Exigente

A VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO



PAPEIS FOTOGRAFICOS DE FAMA MUNDIAL

a venda em todas as casas do ramo

SEGURANÇA INDUSTRIAL

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 12.000.000,00

SEGUROS: Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automoveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/53 Cr.\$ 44.850.666,50

Sinistros pagos até 31/12/53 Cr.\$ 449.731.283,80

PRESIDENTE

Antonio Prado Junior

MATRIZ NO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 137 - Edifício Guinle — End. Telegráfico "SECURITAS"

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí - Telef.: 32-3161 a 32-3165

J. J. Roos

Gerente-Geral

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS



FUNDADA EM 1903

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

com o film

Agfacolor

as

*suas fotografias
em cores naturais
ganharão!*

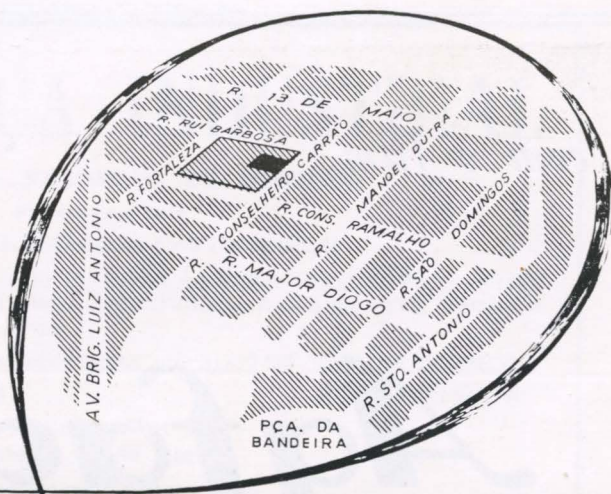
AGFACOLOR é distribuído pela

ALIANÇA COMERCIAL DE ANILINAS S. A.
Avenida Rio Branco, 26-a - 12.º andar - Rio de Janeiro

Representantes exclusivos de:

AGFA AKTIENGESELLSCHAFT-LEVERKUSEN

AGORA EM SEU
NOVO ENDEREÇO MAIS
AMPLIADO PARA BEM
SERVIR SUA CLIENTELA



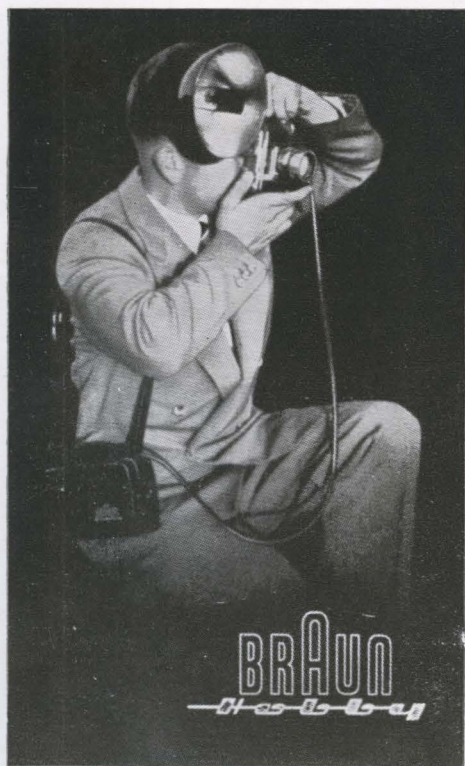
Clichés

FORTUNA



32-3492
35-8000

↘ R. CONS. CARRÃO, 295



BRAUN HOBBY

O FLASH ELETRONICO DE
MAIOR ACEITAÇÃO MUNDIAL

★

Temos para pronta entrega aparelhos e extensões com refletores com cabo de 5 metros.

★

Serviço completo de peças e assistência técnica.

★

KOSMOS FOTO

RUA SÃO BENTO, 286
TELS.: 32-5882 — 43-4436
S A O P A U L O



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo SalvatoreCorrespondentes no
Estrangeiro:**Alvaro Sol**
Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wisconsin, EE. Unidos**Georges Avramescu**
Arad, Rumania

Redação e Administração:

R. S. Bento, 357 - 1.º andar

S. PAULO — BRASIL**PUBLICIDADE**
a cargo de
SIEGFRIED KEGLER
(PUBLICIDADE A-Z)Rua Tiradentes, 248
(Brooklin Paulista)**S. PAULO****SUMÁRIO**

A NOTA DO MÊS	7
DIAGNÓSTICO DO SUBJETIVO	8
RUBENS T. SCAVONE	
ARTE MODERNA	14
GUIDO PERAZZOLO	
CURSO DE QUÍMICA APLICADA À FOTOGRAFIA — V	16
ODILON AMADO	
FOTOGRAFIAS NOTURNAS	18
CONCURSO INTERNACIONAL "ROLLEI"	20
CRÔNICA DE UM PASSEIO	22
LEÃO MACHADO	
ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS SALÕES — VÁRIAS.	

CAPA: Fotografia de OTTO STEINERT

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00

ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SEDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

— S. PAULO, BRASIL

A Nota do Mês

Há quatorze anos que os apreciadores e cultores da arte fotográfica em nossa metrópole têm, com o Salão Internacional de Arte Fotográfica promovido pelo Foto-cine Clube Bandeirante, a oportunidade valiosa de entrar em contacto com as obras dos que, no mundo inteiro, vanguardariam a conquista para a fotografia, do seu justo pôsto entre as artes. Inicialmente presa ao que parecia ser mera finalidade documentadora, a fotografia, graças a pesquisadores de gênio, foi revelando suas imensas possibilidades como meio de expressão criadora e hoje, apesar de uns últimos opositores já débeis e obsoletos, a fotografia pode oferecer sólida reputação artística mundial a muitos dos seus cultores. Praticada quase que em massa no mundo, a fotografia, porém, não transforma em artista o possuidor de uma câmara fotográfica, como a máquina de escrever não transforma seu dono em escritor.

No "Salão de São Paulo" — considerado hoje pelos mais exigentes críticos, como um dos mais importantes do mundo — podem, os estudiosos comprovar o que atraz dissemos. Nas imponentes instalações da Galeria Prestes Maia estarão à apreciação pública no momento em que circular êste boletim, os expoentes da foto-arte em suas várias tendências, pois, embora rigoroso na seleção, admite o que há de mais indicativo em todos os "ismos" que atualmente lhe dão ambiente de luta e vitalidade. O público paulistano terá oportunidade de apreciar obras vindas dos mais importantes centros dos quatro cantos do orbe. Tôdas elas, em número de duas centenas, rigorosamente selecionadas dentre mais de mil e quinhentas inscritas.

Não há a menor dúvida, com a realização do seu 14.º Salão Internacional de Arte Fotográfica, o Foto-cine Clube Bandeirante assinala mais um expressivo êxito a somar-se ao já volumoso serviço que vem prestando à nossa cultura.

Agosto-Out. - 1955

DIAGNOSTICO DO SUBJETIVO

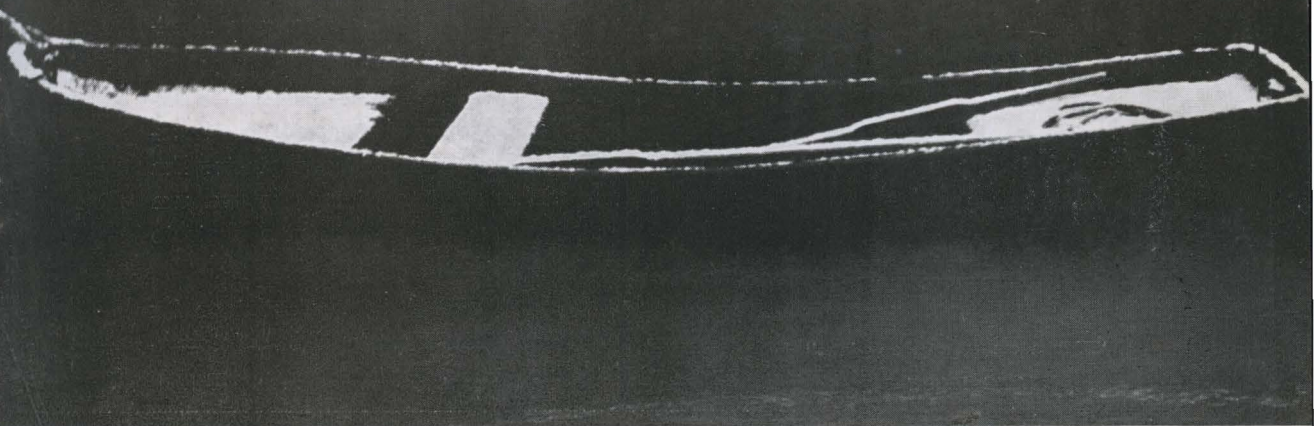
RUBENS TEIXEIRA SCAVONE

(F. C. C. B. — F. C. C. R. P.)

A propósito da Exposição de
OTTO STEINERT e seus alunos.



“Retrato de uma aluna de
arte dramática”
OTTO STEINERT



"Pouco branco sôbre preto"

JEAN BOUCHET

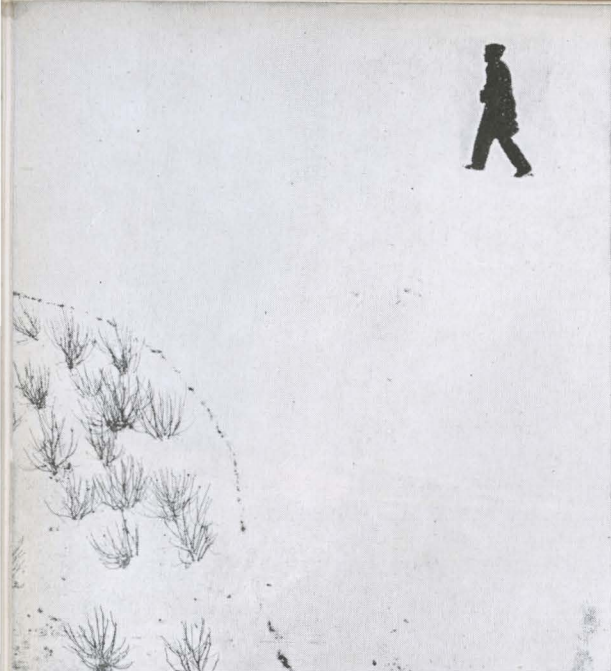
O primeiro dos méritos da fotografia criada pelo grupo de Otto Steinert é, sem dúvida alguma, o da tomada de uma posição. Tomada de posição intencional e definitiva que não só situou em seus limites exatos o conceito da fotografia de nossa época, mas que também teve o mérito de devolver a consciência de si mesma, restituindo-a às suas verdadeiras matrizes.

E o dr. Steinert foi mais longe ainda.

Rotulou sua tomada de posição, nomeou êsse entendimento de fotografia **subjetiva**, englobando por detrás do nome tôdas as tendências individuais até então surgidas.

É certo que o Salão de Fotografia Moderna Internacional de 1951, realizado na Escola de Belas Artes do Sarre, não mostrou um ineditismo absoluto quer seja na técnica ou na criação pois

desde 1925 é que a fotografia vinha sendo objeto de experiências e de estudos com a finalidade de deixar de ser exclusivamente uma restituição objetiva da realidade. O que o Salão fez foi uma sistematização necessária, a escolha de um caminho, acolhendo sob a mesma bandeira todos os que procuravam fazer da fotografia mais do que um processo mecânico, mais do que um decalque do objetivo, mas que demandavam novas formas de exteriorização, vendo no processo fotográfico um meio individual de expressão que possibilitasse, em plano comum com as demais artes visuais, aquilo que Herbert Read condensou como sendo — **a unique and private vision of the world** — que é indiscutivelmente a chave de toda criação artística.



"Figura em direção ao plano"

WOLFGANG HAUT

Para Steinert e seu grupo a expressão **fotografia subjetiva** tem um significado demais amplo.

Ao espectador menos avisado a expressão **subjetiva** é tomada imediatamente como sinônimo do abstrato. Em verdade a nomenclatura designa um **gênero** em relação ao qual o abstrato reduz-se a uma **espécie**.

Para o mestre do Sarre por fotografia subjetiva deve ser entendida a fotografia humanizada, individualizada, em que o aparelho é utilizado sobre os objetos a fim de extrair "**leur nature profonde**". Por subjetivismo entende o chefe do grupo todo ato de interferência do homem na execução do negativo ou da fotografia, não importando **como** se manifeste essa interferência, interessando apenas o resultado final obtido.

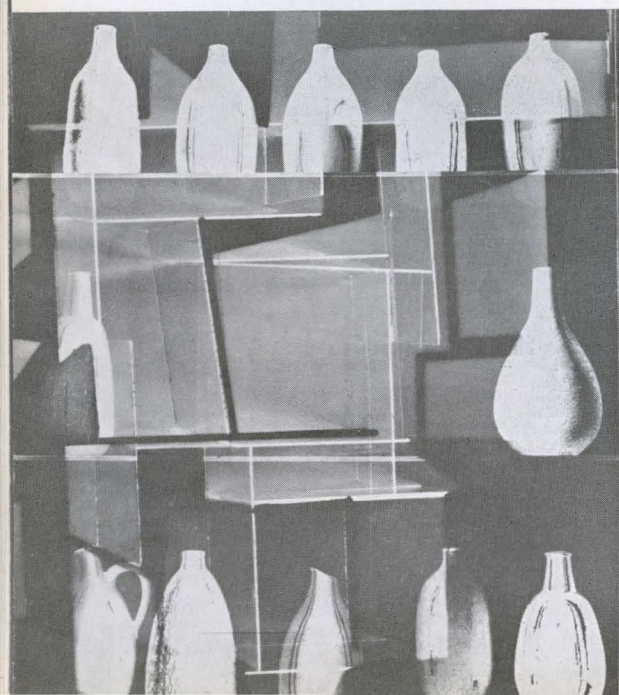
É ampla a posição não constituindo entretanto novidade muitos dos recursos lançados por seus componentes.

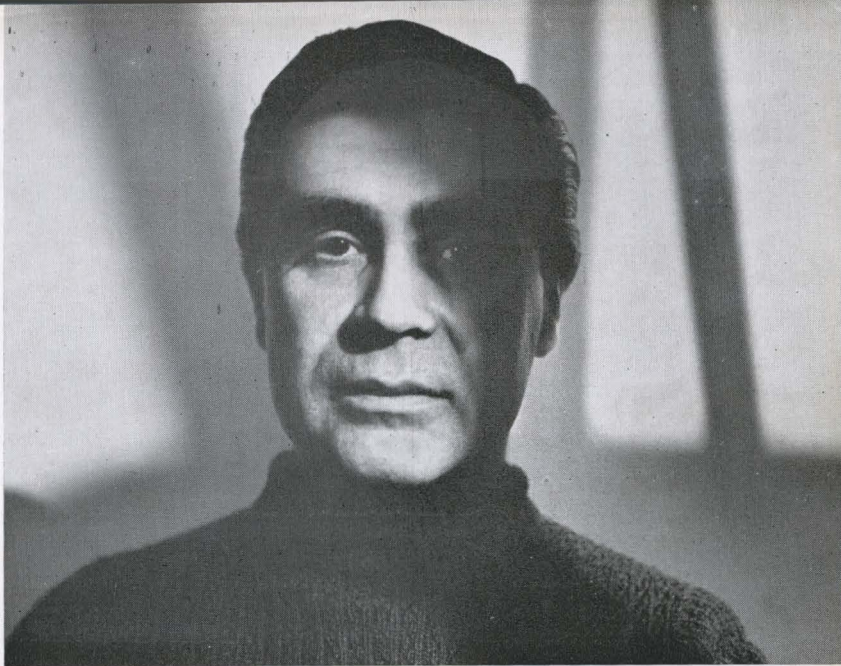
Diverge portanto a concepção genérica de Steinert da concepção geralmente conhecida por artística ou pictórica, expressão essa tão ao gosto de determinadas correntes fotográficas.

Na fotografia burguesamente considerada como artística o que existe, e com imediatismo absoluto, é a reprodução mais ou menos perfeita do mundo visível, havendo uma preocupação em valorizar a fantasia, fantasia no sentido de uma super-estimativa dos motivos tratados e endereçada as derivações do que convencionalmente vem

"Vasos e planos construídos"

KILIAN BREIER





"Retrato de um ator"

HANNE GARTHE

sendo admitido como estético. Existe assim nesse conceito primário uma intervenção advinda da pintura e isso devido a uma contingência da gênese histórica. De gênese histórica pois o conhecimento fotográfico surgiu ao tempo da pintura realista cuja finalidade primordial era refletir o mundo ou como êle é, ou com a adição do elemento fantasia.

No fundo existem muitos problemas comuns entre fotografia e pintura mas tais problemas, soluções e interdependências, são comuns a tôdas as artes visuais pois o denominador comum é a **criação**. Uns poderão valorizar mais a pintura relegando a fotografia a plano secundário vendo não raro na segunda ou uma sub-arte ou uma serva da arte visual por excelência, mas não se pode esquecer aquela posição ortodoxa de Man Ray que dizia que pintava para melhor poder compreender a fotografia.

De uma forma ou de outra a fotogra-

fia é um meio de criação e todos os seus recursos, — papel sensível e luz, — são válidos deixando pois de ser um simples clichê mecânico da realidade, como bem acentuou o expressionista Franz Roh.

Já na fotografia subjetiva, e que nós preferimos chamar de **criadora**, o que existe é a posição oposta pois o elemento humano, individual, é que surge em primeiro plano. No conceito do grupo do Sarre o que vale é a hipersensibilidade individual, sua reação perante o objetivo, sua resposta mais ou menos eloqüente à realidade trivial, não interessando os meios mas apenas o efeito estético a que se destina, a emoção que liberta, a gênese que propicia ou a realidade que polariza. E dentro dessa concepção de subjetivismo vallem todos os recursos que lhe são peculiares. Desde o intervencionismo de Man Ray e de Lazlo Moholy-Nagy. Desde os métodos de Germaine Krull e os de Kertz, desde os caminhos expe-



Constituiu um verdadeiro acontecimento, a exposição de fotografias de OTTO STEINERT E SEUS ALUNOS, promovida pelo Foto-cine Clube Bandeirante em colaboração com o Museu de Arte Moderna de São Paulo, nos salões deste último. A mostra, cujo extraordinário valor não precisamos salientar, pois a obra de STEINERT, o fundador da fotografia "subjetiva" já é bastante conhecida em todo o mundo, interessou profundamente, como não poderia deixar de ser, atraindo grande número de visitantes. Os flagrantes acima foram colhidos momentos após a abertura da mesma.

rimentais de Baunmeister ou Hausmann, utilizando-se do fotograma ou da fotomontagem, da dupla exposição ao **flou**, do raiograma à solarização, da inversão do negativo até as viragens químicas.

E na mostra que se realizou no Museu de Arte Moderna encontramos exemplos admiráveis de tôdas essas categorias e técnicas.

Concepções expressionistas de Ives Fayet e Benno Keysselitz, sendo que o personagem gritando, em **close-up**, dêse último produz o mesmo efeito da tela famosa de Munch.

Retratos de Steinert e de Hanne Gurth onde tôda técnica clássica e convencional é posta de lado e que poderíamos chamar de retratos psicológicos.

Fotogramas de Helga Schimdt e de Gilbert Champenois com analogias a composições de Sofie Tauber-Arp e Hartung, não faltando mesmo nem a tentativas ousadas como aquêlo Cristo aureclado por um aro de bicicleta, com

aspectos de ícone bizantino, criado eloqüentemente por Per-Olov Stakman.

Monica Von Boch e Jochen Lischke extraem resultados magníficos de realidades cotidianas, aparentemente destituídas de beleza, mas que na transposição fotográfica adquirem significado e principalmente ritmos próprios.

Hoje a fotografia, como a pintura, — como exprimiu magnificamente Paul Klee, — igualmente descobriu a realidade das coisas visíveis, e nisso, exprime-se a crença de que o visível é apenas um exemplo isolado em relação ao universo, e que outras verdades, na maioria, são latentes. Como também ponderou o autor das **Confissões do Criador** as coisas aparecem no sentido ampliado e variado, muitas vêzes contradizentes à experiência racional de ontem pois o que se aspira é uma concretização do fortuíto.

Êsse é o caminho da fotografia de nossa época da qual o grupo de Steinert constitue um exemplo eloqüente.



"Movimento sobre estrutura"

OTTO STEINER

Arte Moderna

GUIDO PERAZZOLO

Do Boletim da Agrupacion Fotografica de Igualada

Ao se falar de fotografia moderna é muito comum fazer-se referência à pintura moderna, tomando-a como elemento de comparação.

É possível que fotografia e pintura modernas possam se equiparar como resultado da evolução na maneira de sentir do homem do nosso tempo, porém, daí para diante nada mais.

Em pintura se evoluiu desde a escola figurativa, na qual a representação puramente objetiva é a meta final do artista até as tendências abstratas atuais onde uma idéia de criação pura se concretiza numa materialização de planos, linhas e cores que procuram criar uma emoção estética no observador; se isto é conseguido, sua missão está cumprida, do contrário sobrevirá a reação. Se isto ocorrer surgirá a diferença de opinião entre o criador e o observador sobre o que significa criação.

A propósito é aceito que a nossa experiência provém do conhecido, do criado. Assim como se herda uma linguagem que consta de palavras que se ordenam e agrupam de uma maneira que está muito distante de constituir uma função ativa. O mesmo ocorre com imagens que constituem nossa bagagem artística visual, as quais vamos aprendendo a gostar com o costume.

Sem discutir o valor artístico das obras de arte clássica, não podemos deixar de admitir, sem embargo, que de tanto copiá-las, passaram a ser algo pré-fabricadas. Agora bem, tudo que se julga, se compara mentalmente com es-

tas imagens-tipos, não inéditas, as quais por sua vez são compostas com idéias tampouco inéditas. Se está em julgamento uma obra com este caráter, tudo funciona corretamente, mas se com este material se confronta o inédito, nasce o conflito, pois, em outras palavras, é como querer medir a temperatura com um relógio.

Com a fotografia moderna ocorre algo aparentemente semelhante na confrontação das escolas, mas não porque tenha seguido o mesmo caminho da pintura. Na arte fotográfica se evoluiu desde a etapa pictorialista em que se procurava imitar no possível a pintura de corte clássico, até o tipo de fotografia que Cartier-Bresson denominou "o momento decisivo", na qual as imagens parecem destaques da própria vida, que surgem com uma força irresistível, subordinando à sua espontaneidade qualquer exigência técnica, chama-se esta foco, movimento ou composição. O verdadeiramente essencial, é obter cenas subjetivas com uma carga emocional que proporcione à imaginação e sentimento do espectador um material mais precioso que a própria imagem.

Neste ponto, como criadores da imagem fotografia, surge nosso conflito com o espectador. Este, treinado para ver as estereotipadas reproduções com que se tropeça a cada instante, não pode aceitar a nova imagem à primeira vista. Seus elementos de comparação o impedem. Para lográ-lo, deverá fazer

uma abstração do conhecido e libertar sua mente de imagens preconcebidas. Desta maneira poderá captar, apesar da licenciosidade técnica que houver na mesma, o seu conteúdo espiritual numa experiência nova, vivificante e cheia de possibilidades.

Apesar desta renovação dinâmica, a fotografia não logrou, todavia, como fez a pintura, sua libertação total do objeto material como tema, pois, como se compreenderá, a reprodução do mesmo é ainda a verdadeira função que leva implícita em si mesmo a tomada da fotografia. Sendo assim, quem poderá encontrar o mínimo ponto de contacto entre uma obra de Klee, ou de

Magnelli ou Miró e a mais moderna fotografia?

Admitido isto, podemos apreciar claramente até que ponto chegou a bifurcação da temática que a aproximava da pintura. Compreendido isto, creio que também chegou a hora de não arrancar mais os cabelos de Picasso e Dali (porque sempre êles?) cada vez que se comenta algo de fotografia moderna. Esta tem o seu próprio meio de expressão e não admite comparações estranhas, porém por seu lado exige que se a aceite com espírito amplo, liberto de entraves. Porque será inútil que a cultura dê azas ao espírito se o devemos encerrar dentro de um julgamento estreito como uma jaula, da qual não pode voar...

"NERVURA"

Ademar Manarini — FCCB

(Do 14.º Salão Internacional de S. Paulo)



Curso de Química Geral Aplicada

à Fotografia

ODILON AMADO — F C C B

V

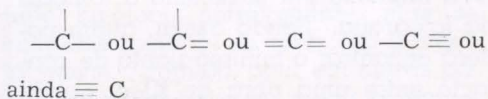
Os compostos orgânicos têm uma importância muito grande na fotografia, de modo que teremos neste capítulo uma noção da química orgânica.

Até fins de 1.600 os químicos julgavam que os compostos orgânicos (porque eram de origem animal ou vegetal) eram diferentes dos minerais, e a química era subdividida ou mineral e Orgânica. Sendo que os compostos orgânicos não poderiam ser fabricados no laboratório visto que eram produzidos apenas pela força vital.

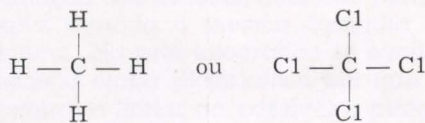
Em 1828, Wohler conseguiu obter no laboratório a Ureia (que ocorre na urina dos animais). Outros químicos conseguiram obter vários compostos orgânicos e o conceito antigo foi então abandonado. Atualmente há um número enorme de compostos considerados orgânicos e que não são produzidos por animais ou vegetais.

O conceito atual de química orgânica é química dos compostos de carbono (porque o elemento carbono ocorre em todos eles).

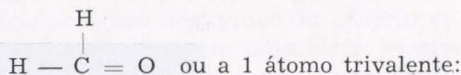
Na formação dos compostos orgânicos entram relativamente poucos elementos: carbono, hidrogênio e oxigênio, principalmente. O número desses compostos atinge quase a 1.000.000. O átomo de carbono tem valência 4 e pode-se representar essa valência com 4 traços, assim:



Isto indica que 1 átomo de C pode-se unir a 4 átomos de elementos monovalentes (valência 1); assim:

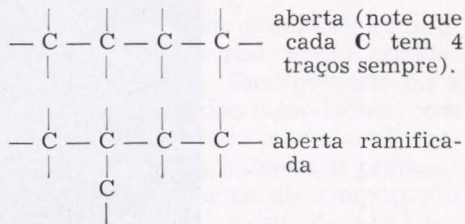


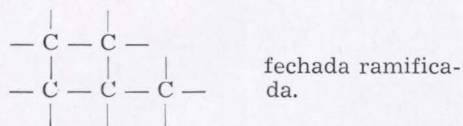
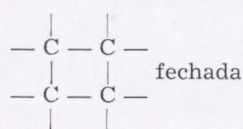
ou a 1 átomo bivalente e 2 monovalentes:



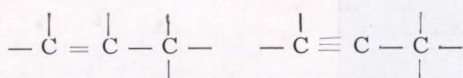
$H - C \equiv N$, etc.

O átomo de carbono apresenta a possibilidade de se unir a outros átomos dele mesmo ou de outros elementos, formando cadeias orgânicas que podem ser **acíclicas** (abertas) ou **cíclicas** (fechadas).





As v\u00e9zes, na forma\u00e7\u00e3o das cadeias, 1 C pode trocar com outro C com 2 ou 3 val\u00eancias:



(note os quatro tra\u00e7os em cada C)

Quando houver apenas troca de 1 val\u00eancia entre carbonos, o composto \u00e9 chamado **saturado**; quando houver troca de 2 ou de 3 val\u00eancias, \u00e9 n\u00e3o saturado.

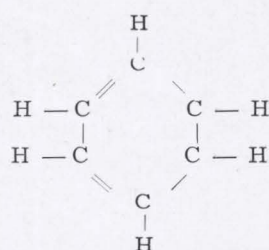
Em qu\u00edmica inorg\u00e2nica as fun\u00e7\u00f5es s\u00e3o relativamente poucas (\u00e1cido, base, sal, \u00f3xido). Em qu\u00edmica org\u00e2nica o n\u00famero de fun\u00e7\u00f5es \u00e9 muito maior. Temos:

hidrocarbonetos
alcois e fenois
\u00e9teres,
\u00e1cidos carbox\u00edlicos
\u00e9steres
aldeidos e cetonas
aminas e amidas
nitrila e isonitrilas, etc.

Os compostos org\u00e2nicos podem ser classificados em **alip\u00e1ticos**, **arom\u00e1ticos** e **heterociclicos**.

Alip\u00e1ticos s\u00e3o aqu\u00e9les de cadeia aberta. Muitos ocorrem nos petr\u00f3leos (hidrocarbonetos saturados).

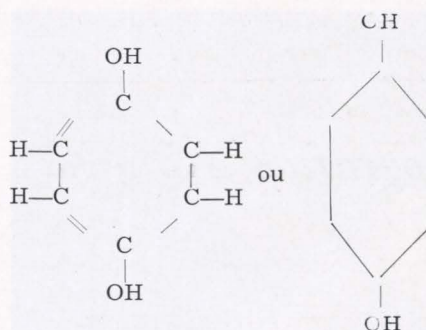
Arom\u00e1ticos (assim chamados devido apresentarem aroma) s\u00e3o derivados do **benzeno** ou **benzol**, cuja f\u00f3rmula \u00e9 C_6H_6 e sua estrutura \u00e9:



\u00e9ste \u00e9 chamado o n\u00facleo benz\u00eanico e aparece sempre nos compostos arom\u00e1ticos e \u00e9 representado simplificadamente por um ex\u00e1gono:



Os composto arom\u00e1ticos s\u00e3o importantes porque alguns s\u00e3o redutores e usados nos reveladores. Exemplo: a **hidroquinona**, cuja f\u00f3rmula \u00e9



Outros compostos org\u00e2nicos s\u00e3o usados em fotografia como o **\u00e1cido ac\u00e9tico**, cuja f\u00f3rmula \u00e9

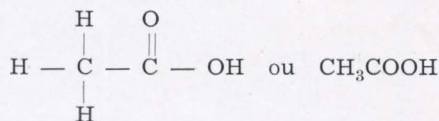




Foto 1

Fotografias Noturnas

AUDREY BODINE

Não há freqüentador de salão que não conheça alguns dos magníficos noturnos de AUDREY BODINE, como por exemplo o que acima esta página.

Em **Photorama** — n.º 19, o conhecido autor dá alguns conselhos para obterem melhores resultados em fotografias noturnas, que tomamos a liberdade de transcrever, para conhecimento dos nossos leitores:

"Não procure nunca fotografar em noites claras — diz o apreciado autor — mas sempre em noites chuvosas ou com neblina. Poderá então aproveitar melhor os reflexos da rua e os contornos dos edifícios, monumentos, etc."

Não há nada de especial quanto ao tempo de pose, senão que êle deve ser três ou quatro vezes maior do que exige normalmente um filme rápido como o "Gevapan 33".

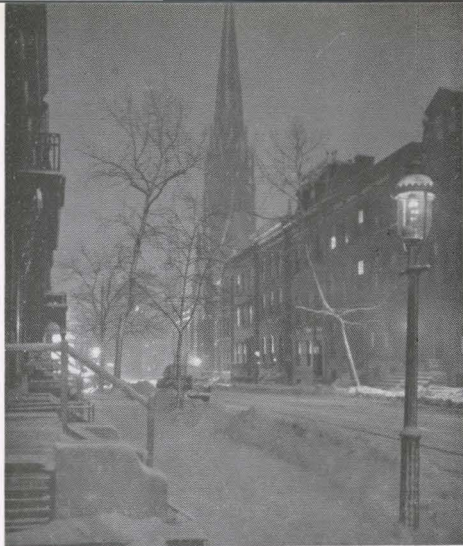


Foto 2

FÓRMULA (para viragem azul) — **solução de reserva 1:**

10 grs. de tiocarbamida, em 1 l. de água.

solução reserva 2: 10 grs. de ácido cítrico em 1 l. de água.

solução reserva 3: 3 grs. de cloreto de ouro em 1 l. de água.

Para obter a solução para uso, tomam-se três partes iguais de cada solução, 1, 2 e 3, completando-as com 30 partes de água (temperatura a 45°C).

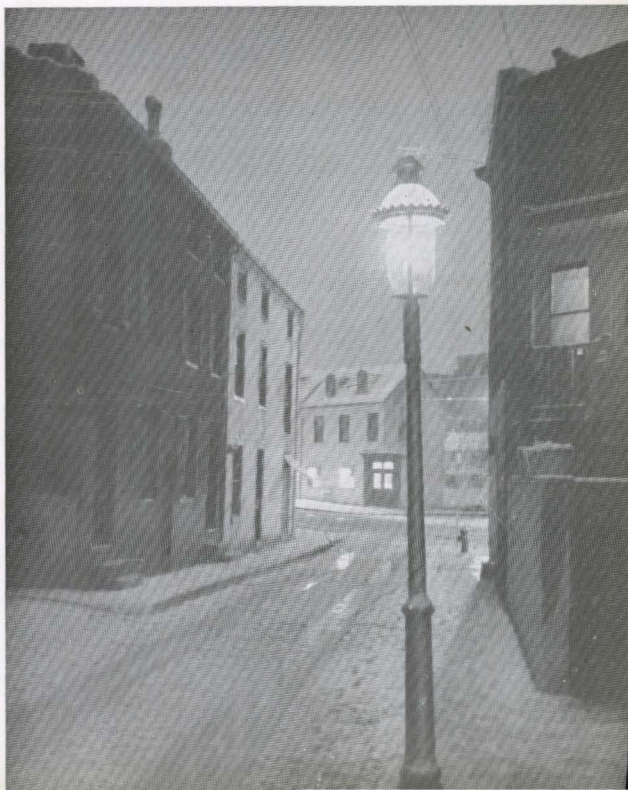
Para colhêr a vista do "Park Avenue" (foto 2), tive de cobrir a objetiva uma cinqüenta vêzes a fim de evitar os faróis dos automóveis. Mas é preferível isto a fechar e abrir o obturador o que poderá fazer tremular o aparelho.

A chave do sucesso está principalmente na fase seguinte: deve-se preparar um revelador suave, com base em metol-hidroquinone, e suprimindo pelo menos três quartos do carbonato indicado na fórmula normal. Será assim obtido um negativo bastante suave. Torna-se, porém, necessário, um tempo de revelação de pelo menos três vêzes maior do que o normal, para compensar a falta de carbonato. Mas você perceberá magníficos detalhes mesmo nas zonas mais iluminadas. Estude as imagens aqui reproduzidas, principalmente a foto n.º 3, e verá que é quase impossível descobrir halos ou sombras projetadas pelos reverberos da luz. A fotografia foi feita quando nevava e muitas horas após o pôr do sol, mas mesmo assim as silhuetas dos telhados, mesmo longinqüos se destacam do céu.

Para as exposições, eu executo sempre as fotografias em viragem azul, conforme a fórmula a seguir. Uma precaução: deve-se empregar sempre papel de cloro-brometo.

A fotografia noturna é cativante e abre um campo infinito de possibilidades."

Foto 3





1.º Prêmio

EXAME

Suzy Palvolgyi — Hungria

O Concurso Internacional "Rollei"

Comemorando o seu Jubileu de Ouro, a **Frank & Heidecke**, fabricante dos afamados aparelhos **Rolleiflex** e **Rolleicord** promoveu um grande concurso internacional que alcançou extraordinário êxito, reunindo mais de 55.000 fotografias provenientes de todos os recantos do mundo.

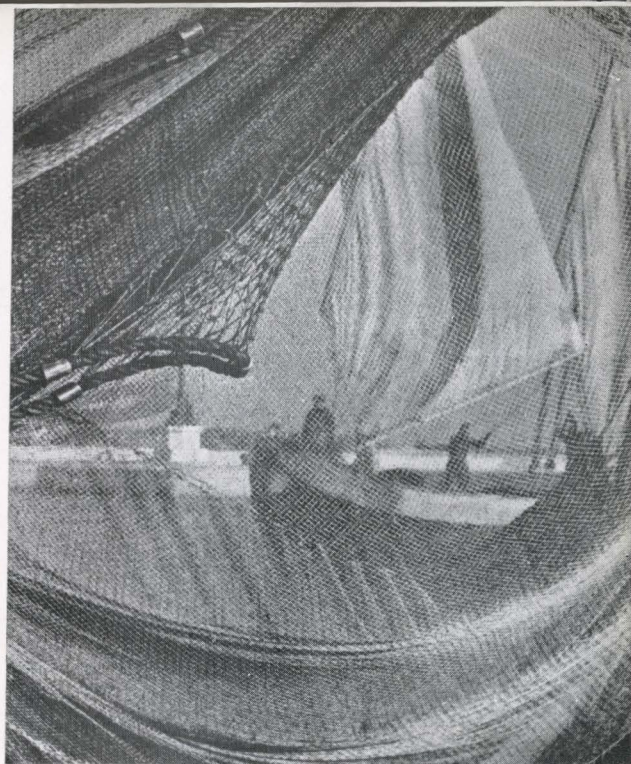
O Juri, composto por Alec Pearlman, da Inglaterra, Marcel Natkin, da França, Bernd Lohse, da Alemanha, M. Hurliman, da Suíça e W. Schoppe, da Alemanha, após trabalho difícil e exaustivo, como é fácil de imaginar, con-

cluiu seu veridictum conferindo entre os 500 melhores trabalhos premiados, os dois primeiros prêmios a Suzy Palvolgyi, da Hungria e Glen Fishback dos Estados Unidos.

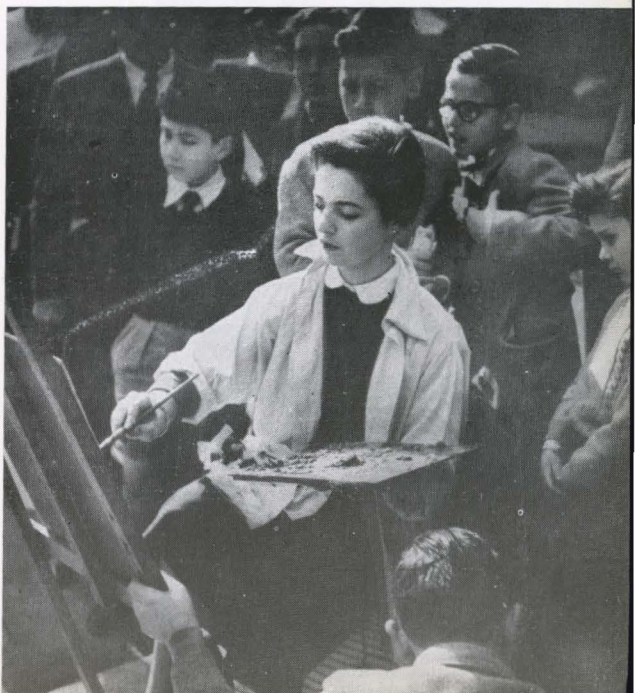
Apraz-nos verificar que entre os que obtiveram o 6.º prêmio estão os conhecidos fotógrafos do Brasil, Pedro Calheiros, Henrique J. Hejo, Francisco Aszmann, Alberto Lima, Ernst Schauder e Wilson Beraldo.

Reproduzimos nestas páginas algumas fotografias que obtiveram as primeiras colocações.

2.º Prêmio
"REDES"
Luciano Babini — Itália



3.º Prêmio
"PINTOR DE RUA"
Peter Frensdorff — Argentina





Cronica de um passeio

LEÃO MACHADO — F. C. C. B.

I

MOTIVO E JUSTIFICAÇÃO

Ninguém ignora que Fernão Mendes Pinto haja escrito um grosso volume de crônica das suas largas peregrinações pelo mundo conhecido no século 16, como parece muito acertado que Pedro Alvares Cabral, para efeitos históricos, mandado fundar uma feitoria em Calicut, tivesse levado consigo o cronista Pero Vaz de Caminha, que já devia ter, ao sair de Portugal, escritas as 8.000 palavras que constituem a primeira notícia sobre o descobrimento do Brasil, de há muito descoberto, conhecido e largamente explorado por portugueses, espanhóis, franceses e aventureiros de outras nacionalidades. Portanto, é perfeitamente natural que o Foto-cine Clube Bandeirante tivesse levado alguém para fazer a crônica da excursão que realizou, no dia 19 de junho de 1955, às usinas da Light. Porque tanto aquelas viagens, como esta, apresentaram sucessos mui digno de narrar-se para edificação da posteridade.

Devem apenas ser consideradas duas diferenças. A primeira está no estilo dos cronistas. Enquanto se pode ter Pero Vaz de Caminha como escritor elegante e Fernão Mendes Pinto se enfileira no grupo dos clássicos seiscentistas, no qual brilham grandes penas como a de Frei Luís de Souza, o cronista do Foto-cine Clube Bandeirante é um apagado plúmifício do nosso tempo, que tem estilo descolorido e às vezes obscuro.

A outra diferença é de natureza ética. Pero Vaz de Caminha, depois de narrar a D. Manoel, miudamente, o que não podia ter visto no Brasil de 22 de abril a 1.º de maio, data da sua famosa carta, termina a missiva que dava ao rei a notícia alvissareira da "desoberta" do Brasil, aproveitando a euforia que esperava criar com a boa nova, para pedir ao monarca que mandasse remover da ilha de São Tomé para Lisboa o seu genro, Jorge Soeiro. Pero Vaz inaugurou, assim, naqueles primórdios do descobrimento, a política que, no Brasil de hoje, tem o nome de **genrismo** e que é uma forma muito importante de proteção á prole dos homens públicos á custa

do erário da nação... Quanto a Fernão Mendes Pinto, ficou famoso pela fantasia com que descreveu as terras por onde andou, sendo o descobridor daquela mirífica árvore das patacas, que vegetava na África e não no Brasil, como erroneamente se diz. A tal ponto era desvairada a imaginação deste escritor, que lhe mudaram o nome para Fernão, mentes? Minto...

Este cronista não pretende colocar o genro em nenhum emprêgo, mesmo porque o Bandeirante infelizmente não tem empregos para genros. Em todo o caso, se os criar algum dia, o cronista espera que o seu genro seja considerado como já inscrito no primeiro lugar da fila, pois, além de possuir boas qualidades, sabe falar a língua inglesa, o que constitui chave para muitas portas do nosso tempo. No que se refere á veracidade, o cronista assume o compromisso solene de ser o mais verídico que lhe permitir a memória. Jura por todos os deuses do ocidente e do oriente, conhecidos e desconhecidos, inventados e por inventar, que tudo quanto mencionar tem o selo da mais pura e rigorosa verdade histórica.

DE COMO SE DEU A PARTIDA

A partida se deu com o atraso normal e brasileiro de quarenta minutos. É que a nossa comitiva iria em dois ônibus e havia três estacionados na rua Formosa. Houve certo trabalho na apuração dos veículos que nos estavam destinados, porque excursionistas nossos se haviam infiltrado na comitiva dos outros e vice-versa. E, como era natural, esse desconchavo levou algum tempo a acertar, o que foi feito com a efficacíssima intervenção do Presidente Salvatore e do Diretor Social Scaff. A Light, com muitíssima gentileza, mandou uma comissão para nos acompanhar. Era chefiada pelo sr. Milton Souza, do Serviço de Relações Públicas da Companhia e nosso companheiro de clube e duas graciosas moças, as senhoritas Isaura Brick e Maria Victoria Lemos do Amaral, estas com o fim de hospedarem as senhoras que se achavam na comitiva.

Antes da partida, o Milton fez circular um papel entre os excursionistas, no qual estes exoneravam a Light da responsabilidade por qualquer acidente que se verificasse com as nossas pessoas. Esta cautela da Light primeiramente nos emocionou. Puzemo-nos a imaginar que iríamos enfrentar tremendos riscos na excursão, coisas assim como fios de alta voltagem descobertos, esbarrando-nos no rosto como teias de aranha, volantes desprotegidos girando em apertados corredores de passagem obrigatória, correias traiçoeiras tatalando em lugares inesperados. A emoção, vinha, pois, do elemento de fascínio que oferecem os perigos. Depois, aquela cautela nos sensibilizou muitíssimo, porque despertou em todos a noção das nossas responsabilidades, lembrando-nos de que, durante a visita, deveríamos vigiar o D. Fulgêncio traquinas que vive dentro de nós a fim de que ele não tivesse a tentação de cometer uma infantilidade qualquer.

A comitiva era de 52 pessoas, contando com a presença de senhoras, que deram um toque de graça e de beleza á viagem, que passou, assim, a ser encantadora em tão gentil companhia. Havia vários dirigentes do clube — o Presidente Salvatore, o Vice-Dito Trovato, o Diretor Social Scaff (que organizou a excursão), o Secretário Capelo e conspícuos membros do Conselho, como o Florence e o Plínio Mendes. Não sabe o cronista se havia outros diretores, porque ainda não conhece todos. Se havia, a omissão dos seus nomes não representa, pois, nenhuma deliberada desconsideração, mas simples ignorância.

A excursão começou sem novidade digna de registro. A manhã estava radiante de luz e de céu. E aquela luz naquele céu, compunha a perfeição — era ouro sôbre azul. Portanto, não poderia o ambiente telúrico ser mais propício a uma excursão de fotógrafos e na comitiva se achavam muitos dos melhores de São Paulo. Quanto a equipamento, o que se via era verdadeiramente fabuloso, desmentindo o boato corrente e derrotista de que o Brasil não tem divisas para fazer importações. Os fotógrafos seriam uns trinta, cada um deles copiosamente abastecido de uma câmara, no mínimo (porque alguns havia com duas, uma para branco e preto e outra para color), de flashes comuns e eletrônicos, tripés, fotômetros, para-sóis e filtros de toda a espécie e de toda a gama de cores. Mesmo tele-objetivas apareceram algumas de formato estranho, como a do Trovato, que lembrava bazuca e canhão antiaéreo. O Florence e eu calculamos em um milhão de cruzeiros, no mínimo, o capital investido no equipamento, porque câmaras, filtros e filmes eram o que havia de melhor, mais moderno e mais caro.

●

Flagrantes da visita à Usina Piratininga e ao mirante do Alto da Serra.





No alto da Serra e um grupo à porta da Casa de Hóspedes.

DE COMO VIMOS A USINA PIRATININGA

Depois de uma meia hora de marcha, chegamos à Usina Piratininga, situada em Pedreira, à margem da represa nova da Light. Esta usina faz parte do plano de refôrço de produção da energia elétrica, que anda agora em deficit, pois a demanda tem sido superior à capacidade geradora das máquinas existentes. Gerar eletricidade é operação cara, exige instalações dispendiosas e demoradas de fazer. Além do nosso crescimento ter se tornado rapidíssimo de quinze anos para cá, houve ainda uma interrupção nos programas de produção da Light, pois que durante a guerra não se fabricou no mundo um parafuso que não fôsse destinado exclusivamente a destruir riquezas e a matar ou aleijar gente. Coisas destinadas a criar conforto, riqueza e bem estar, foram abandonadas, porque a humanidade estava empenhada na sinistra faina de destruir, com aquela tapada burrice que, através dos séculos, vem distinguindo os governantes do restante dos homens — a burrice que não vê solução para os problemas sociais, políticos e econômicos, senão promovendo as guerras que, desde o começo do mundo, vêm ensanguentando este infeliz planeta.

A Usina Piratininga é um edifício novíssimo de concreto armado e alvenaria de tijolos, tendo uma parte construída em bela estrutura de ferro, destacando-se sobre o fundo azul do céu uma confusa massa de vigas, de canos, de tubos, pintados de alumínio e brilhando à grande luz da manhã. Duas altas chaminés completam o perfil da massa arquitetônica.

Quando os ônibus pararam e os excursionistas desceram, antes de entrarem no edifício e devidamente autorizados pelo Milton, dispersaram-se pelo jardim e começou a desenfreada tomada

de fotografias. Olhando-se de longe, era até engraçado de ver-se. Cada um tinha a sua máquina assestada e fotografando sofredamente.

Ai o cronista fez uma coisa inexplicável. Depois de tirar uma fotografia, não conseguiu virar a manivela que transporta o filme, para tirar a segunda chapa. Ficou aflito e pediu auxílio ao Florence, que resolveu o problema, sorrindo do principiante. Acionou o disparador, tirou normalmente a fotografia e virou a manivela. O cronista corou de vergonha por ter sido apanhado num erro tão elementar e continuou a procurar temas. Mas a verdade é que, ao revelar o filme, verificou-se que houve uma superposição de chapas, o que teoricamente não pode acontecer com uma câmara Rolleiflex. Mas aconteceu, o cronista apresenta a cópia superposta e deixa o enigma para os especialistas do Clube resolverem.

Esgotados os temas externos, entramos na Usina. Ai, subindo as escadas de ferro, é que se percebia que aquele era um grupo de fotógrafos amadores. Focalizavam-se câmaras para os degraus e os corrimãos, para roscas, parafusos e rebites, para ganchos e correntes, para todos esses pequenos nadas em que somente a sensibilidade de artistas percebe a existência de alguma beleza plástica. Era aquilo uma verdadeira aula de um curso de amadorismo, precisamente a aula em que se prova que o Romantismo estava mesmo errado. O assunto não importa em arte. Quem estava certo era Tayne, quando dizia que um poema é a sua execução. Em arte fotográfica se dá o mesmo que em literatura. Uma fotografia é a sua execução — a beleza da forma surpreendida pelo bom gosto do fotógrafo, o jogo da luz e das sombras, o ângulo inesperado, a ênfase dada ao melhor aspecto. Tudo serve como assunto.



“Bandeirantes” em ação.

Nesta altura, o Florence chamou a atenção do cronista para um fato interessante. Enquanto êle, o Plínio, o Salvatore, o Trovato, D. Gertrudes e outros veteranos fotografavam pouco, calmamente, e só depois de cuidadosa análise do assunto, os novos fotografavam abundantemente, como bons principiantes, que eram. Fominhas, chamava-os o Florence. E êle, Florence, deu uma demonstração da tese ali mesmo, batendo nesse momento a sua primeira chapa. Estávamos diante da combusta boca da caldeira, aquela caldeira em que se queimava óleo e que palpitava com um fogaréu de todos os demônios. Pois ao Florence deu-lhe vontade de fotografar aquela comburente fresta, o que realmente fez, com o anteparo de vidro azul, que a Light gentilmente pôs á disposição dos curiosos.

Fotografada miudamente a Usina Piratininga, deu o Milton voz de partida. Lá fomos outra vez, agora rumo ao alto da serra.

DE COMO UM ÔNIBUS EM MAU ESTADO PODE ASSUSTAR SEUS PASSAGEIROS

Não sabe o cronista por que diabo de fantasia escolheu-se um atalho que, de Pedreira, procura a Via Anchieta. Não era uma estrada, era um caminho péssimo, esburacado, quase uma azinhaga. Iamos aos solavancos, vagarosamente, escutando os bufos do ônibus, que não aguentava o esfôrço, atravessando campos desconhecidos do cronista. Às margens do caminho, havia casas e chácaras, com a característica animação das manhãs domingueiras — gente vestida com boas roupas, caminhando em grupos, para visitas, passeios ou para a missa.

Mas o nosso ônibus era uma legítima flor de asfalto, isto é, veículo impróprio para rodar em maus caminhos de terra. E assim foi que, ao sair

de um vilarejo perdido por êstes inexplorados subúrbios de São Paulo, o motor do ônibus parou. Parou com aquela forma típica de irremediável desarranjo — seus pistões calaram e tôda aquela barulhenta maquinária de bielas, rodas e eixos, emudeceu eloqüentemente. O outro ônibus partira antes, de modo que não podíamos esperar receber nenhum socorro do nosso grupo.

Olhávamos, pois, o semblante do motorista, para perceber as reações que êle apresentava, diante do desconchavo do motor. E foi de quase pânico a nossa situação, quando percebemos o desalento estampar-se na fisionomia do condutor, que, assim, revelava ter esgotado tôda a sua sabedoria mecânica. Não podia fazer mais nada. Ai o Milton, especialista da Light em Relações Públicas, arregaçou as mangas e, quando menos se esperava de um homem experiente em lidar com outros homens, consertou o motor do ônibus. Foi uma grande façanha, porque resolveu o problema exatamente na hora em que devia ser resolvido. Não era só a excursão que poderia prosseguir, era principalmente a risonha perspectiva de que se restabelecera a esperança no almoço... O nosso pânico evidentemente não provinha do temor de nos encontrarmos perdidos. Poderíamos demorar em voltar para casa, mas voltaríamos sem dúvida nenhuma. Provinha o susto de ficarmos sem almoço, principalmente sem o almoço que seria servido na Casa de Hóspedes da Light, no alto da serra. Alguns excursionistas mais decididos — o Scaff á frente — desceram e foram prover-se de comida, numa vendola próxima. E vieram pães, queijos, mortadelas, havendo se distinguido nesse abastecimento o jovem Plínio Florence.

(Continúa)

VI CONCURSO NACIONAL DE CINEMA AMADOR

Aos vinte e sete de Julho, na séde do Foto-cine Clube Bandeirante, à Rua Avanhandava n.º 316, nesta Capital de São Paulo, realizou-se o julgamento do VI Concurso Nacional de Cinema Amador, para o qual concorreram os seguintes filmes:

Uma Excursão ao Prata, de Carlos Stellfeld (Paraná) Documentário; **Sinfonia Moderna**, de Roberto Miller (S. Paulo) Gênero; **"Til-Ton" Especial**, de Roberto Miller (S. Paulo) Gênero; **Vadiação**, de A. Robatto Filho (Bahia) Gênero; **O Crime não Compensa**, de Haroldo Lopes e Fernando Lopes (S. Paulo) Enredo; **Mitologia Grega**, de Elcio Lucio Sorrenti Coutinho (Minas) Gênero; e **Destino Hollywood**, de E. Szankowsky (S. Paulo) Gênero.

A Comissão de Julgamento composta dos seguintes membros: Dr. Eduardo Salvatore, Manoel Morales Filho e Jean Lecocq, após a exibição dos filmes inscritos e cômputo dos pontos atribuídos a cada um deles, proclamou o seguinte resultado:

CATEGORIA GÊNERO

1.º lugar — **"Sinfonia Moderna"**, da autoria de Roberto Miller, com a média de 89,33, ganhando o 1.º prêmio concedido pelo Foto-cine Clube Bandeirante e mais o Trofeu "A Gazeta Esportiva".

2.º lugar — **"Til-Ton Special"**, de autoria de Roberto Miller, com a média de 87, ganhando o 2.º prêmio concedido pelo Foto-cine Clube Bandeirante.

3.º lugar — **"Destino Hollywood"**, de Estanislau Szankowsky, com a média de 74,33, obtendo uma "Menção Honrosa".

4.º lugar — **"Vadiação"**, de A. Robatto Filho, com a média de 60, obtendo uma "Menção Honrosa".

Não foi classificado o filme **"Mitologia Grega"**, de Elcio Lucio Sorrenti Coutinho, que somente obteve a média de 32,20.

CATEGORIA DOCUMENTÁRIO

O único filme apresentado "uma Excursão ao Prata", de autoria de Carlos Stellfeld, não conseguiu classificar-se, conseguindo apenas a média de 41.

CATEGORIA ENREDO

Também nesta categoria o único filme inscrito: **"O Crime não Compensa"**, de Haroldo Lopes e Fernando Lopes, somente obteve a média de 40 pontos, não conseguindo assim classificar-se.

A **"Taça Bandeirante"** oferecida pelo Foto-cine Clube Bandeirante ao melhor filme colorido não foi atribuída por não ter nenhum dos concorrentes feito jus a este prêmio.

IV CONCURSO DE ORIENTAÇÃO DE CINEMA AMADOR

O Foto-cine Clube Bandeirante está promovendo este concurso para todos os cineastas amadores, sócios ou não, que desejam ter uma noção exata do valor artístico dos seus filmes.

Como das vezes anteriores, a exibição e julgamento dos filmes inscritos será pública.

Serão aceitos filmes de 16 mm. e 8 mm., coloridos ou não, sonoros, sonorizados ou mudos, com ou sem títulos, os quais serão distribuídos nas categorias de enredo, gênero (fantasia), documentário turístico e familiar e documentário artístico.

As inscrições que são gratuitas, serão recebidas até o dia 30 de Novembro de 1955, em sua sede à Rua Avanhandava n.º 316, São Paulo.

CURSO DE FOTOGRAFIA

Em prosseguimento ao seu programa educativo, o Foto-cine Clube Bandeirante abriu já as inscrições para a organização da segunda turma (25 lugares) do Curso de Fotografia para principiantes que instituiu com magnífico êxito.

O curso compreende 16 aulas, abrangendo todo o campo da fotografia, desde as noções sobre máquinas, objetivas, revelação e ampliação até as noções elementares sobre arte fotográfica, composição, etc., podendo se inscrever ao mesmo inclusive pessoas estranhas ao quadro social.

As aulas estarão a cargo dos conhecidos amadores Dr. Alfio Trovato, Dr. Armando Nascimento Jr., Odilon Amado, Dr. Eduardo Salvatore, Tufy Kanji e Dr. José V. E. Yalenti, e terão início no próximo mês de janeiro de 1956.



Resenha das Principais Atividades Mensais do F. C. C. B.

Palestra e Exposição "Trabalhos da Light"

Em complemento ao magnífico passeio realizado pelo FCCB às obras da Light & Power, foi inaugurada na noite de 11 de agosto, na sede social, uma exposição de fotografias executadas pelos associados do Clube durante aquela visita, presentes ao ato, o Sr. Marinho Lutz, Diretor-Superintendente, Drs. Ubrajara Martins, Edgard Radesca e Milton de Souza, do Dept. de Relações Sociais daquela empresa, e grande número de visitantes e associados. Aos dois melhores trabalhos expostos a Diretoria da Light ofertou magníficos e originais trofeus — a efigie do "Zé Kilowatt" — os quais foram conquistados, o 1.º Prêmio, por Roberto Yoshida, e o 2.º, por Cesar Anderaus. Aos demais expositores foram ofertados também originais brindes.

Em seguida, foi pronunciada pelo consócio, Sr. **Leão Machado**, interessantíssima palestra historiando a visita dos bandeirantes às obras da Light, cuja publicação iniciamos noutro local deste Boletim, e que foi bastante apreciada e aplaudida.

Sessão Cinematográfica

O Dept. Cinematográfico do Clube, promoveu, a 15 de setembro, mais uma sessão, com a exibição do filme "Um Robinson Suíço", com Thomas Mitchell.

Curso de Iluminação em Estúdio

Mais uma turma — a quinta — foi organizada sob a orientação do Sr. Tufy Kanji, realizando-se as aulas e demonstrações, nos dias 10 - 17 e 24 de setembro e 1 de outubro.

Excursão a Mogí-Mirim

A convite do **Foto Clube Mogiano**, numerosa caravana de associados do F. C. C. Bandeirante visitou, no domingo 17 de julho último, a simpática cidade de Mogí-Mirim, onde confraternizou com os colegas do Foto Clube local e do **Foto-cine Clube de Campinas** que também compareceu ao churrasco oferecido pelo primeiro. Foi uma bela excursão, da qual publicamos os flagrantes acima.

"U. S. A. de Este a Oeste"

Subordinado a esse tema, foram exibidos na sede do FCCB, a 27 de agosto último, pela Srta. **Dora Amarante Romariz**, geógrafa do Conselho Nacional de Geografia, do Rio de Janeiro, magníficos diapositivos em côres de sua autoria, retratando aspectos dos mais interessantes da natureza norte-americana. A projeção, acompanhada de elucidativos comentários, interessou vivamente o numeroso auditório, que não regateou justos aplausos à dedicada geógrafa.

Concursos Internos

Com o costumeiro entusiasmo foram realizados os concursos internos de agosto — "Marrinhas" para Branco e preto e "Formas" para diapositivos em côres.

Durante os meses de setembro e outubro não serão realizados concursos, em virtude dos preparativos e realização do 14.º Salão Internacional, estando previstos para novembro e dezembro, os seguintes concursos:

Mês	Branco e Preto	Côr
novembro	livre	—
dezembro	humor	livre

Atividades Fotograficas no Pais

Foto-cine Clube de Rio Preto

Mais um foto clube vem se juntar aos muitos que em nosso Estado e no Brasil trabalham para o aperfeiçoamento e divulgação da arte fotografica: — O **Foto-cine Clube de Rio Preto**, há pouco fundado na progressista cidade de São José do Rio Preto, no Estado de S. Paulo, graças à iniciativa e operosidade do entusiasta afeiçoado, Dr. Rubens Teixeira Scavone, figura já bastante conhecida nos meios fotográficos brasileiros e que foi eleito presidente da primeira diretoria da novel entidade.

Integram essa Diretoria, mais os afeiçoados: Nicolau Raduan, Vice-presidente; Vicente de Paulo Barbosa, 2.º Vice-presidente; Valter Fogaça, 1.º secretário; Roberto Luiz Ferreira de Almeida, 2.º secretário; Edmo Cabral Botelho, 2.º tesoureiro, e Walter Aiolo, 2.º tesoureiro.

O F. C. de Rio Preto fará sua apresentação oficial ao público, já no próximo mês de dezembro, com a realização do seu primeiro Salão que, estamos certos, alcançará expressivo êxito.

III Salão Internacional de Santo André

Será inaugurado no próximo dia 10 de novembro, o III Salão Internacional promovido pelo "CAMERA CLUB" daquela cidade, uma das

mais ativas e progressistas entidades fotográficas do país.

Grande número de inscrições foram recebidas e conhecido como é o entusiasmo e espírito de organização dos colegas de Santo André, não temos dúvida em vaticinar para o seu III Salão Internacional um magnífico êxito.

1.º Salão Internacional de Amparo

Com brilhante sucesso o CINE FOTO CLUBE DE AMPARO fez inaugurar a 7 de setembro último, nos magestosos salões do Grande Hotel de Amparo, o seu 1.º Salão Internacional.

A mostra alcançou merecido êxito, premiando os esforços dos integrantes do Cine-foto Clube de Amparo.

5.º Salão de Araraquara

Prosseguindo em suas atividades, o FOTO CINE CLUBE ARACOARA realizou em setembro último, o seu 5.º Salão de Arte Fotográfica, ao qual concorreram as principais entidades congêneres do país, com 122 trabalhos exibidos no Teatro Municipal daquela cidade.

A mostra alcançou magnífico sucesso, pelo que estão de parabéns os esforçados companheiros do Aracoara.

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

TECIDOS PARA DECORAÇÕES

Cortinas Ludovico

LARGO DO AROUCHE, 99

Fone:

36-2126

Filial: RUA AUGUSTA, 2699 - Fone: 80-7201



FRAQUEZA GERAL

Depressão, impotencia genital do homem e mulher, Neurastenia, velhice precoce Prostatite e falta de filhos. - Tratamento pela "Auto-Hormo-Vacina "Hellmeister" (Aos interessados enviamos prospectos com dados sobre o tratamento)

LABORATORIO HELLMEISTER

Diretores Técnicos:

O. HELLMEISTER - Médico

J. HELLMEISTER - Técnico Bacteriologista

PRAÇA DO PATRIARCA, 96 - 2.º AND. - TEL. 32-5918 - CAIXA POSTAL, 919 - S. PAULO

PUBLICIDADE A-Z

=====**SIEGFRIED KEGLER**=====

IMPRESSÃO "SILK SCREEN"

em todo material até 40 cores — em qualquer tamanho

Displays — Estandes — Cartazes

Folhetos — Desenhos — Decorações — Placas

★

R E V I S T A S

ESPORTE CLUBE PINHEIROS

BOLETIM FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

BOLETIM CÂMARA SUECO-BRASILEIRO

★

Rua Tiradentes n.º 248 — Brooklym Paulista

Caixa Postal, 2.974 — Telefone: 35-1407



... NO BOCAL DO APARELHO



UM CONSELHO
DA

E não fale excessivamente alto. Qualquer incorreção no falar ao telefone prejudica e torna desagradável a audição. No telefone, é a sua voz que o representa.

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

Gráfica Brescia Ltda. - Rua Brig. Tobias, 96/102 - Tel. 34-9389 - S. Paulo